
CAPÍTULO 3. Megalitismo funerário no Alentejo Central: breve história da investigação.

“Escavar antas como se fossem ‘ilhas’ na paisagem, em que os resultados valem de per si, é uma forma redutora e limitativa de construir imagens do megalitismo”

(Gonçalves e Sousa, 2003: 202)

3.1. A idade da inocência

Uma vez construídos, os monumentos megalíticos funerários pré-históricos passaram a integrar, de forma indelével, as paisagens físicas e culturais, muito para além das épocas em que foram concebidos e utilizados, havendo muitos casos comprovados de reutilizações ou violações até praticamente aos nossos dias.

Trata-se, na sua maioria, de construções facilmente identificáveis na paisagem, muitas vezes de dimensões impressionantes, particularmente conspícuas, sobretudo a partir do momento em que a acção dos processos erosivos sobre as mamoadas começou a deixar expostas as estruturas pétreas.

A investigação portuguesa integrou, desde cedo, a questão do megalitismo, embora faltassem, de início, as ferramentas conceptuais para uma compreensão mínima das cronologias e dos aspectos culturais envolvidos.

As referências mais antigas ao megalitismo alentejano remontam, pelo menos, ao séc. XV; segundo documentos publicados por Gabriel Pereira (Pereira, 1887: 35), aparecem alusões a monumentos megalíticos, como marcos de divisão de propriedades, nomeadamente “ hua pedra da anta que está levantada sobre pedras aadecima de ryo de moinhos na quall pedra da dita anta está feita hua cruz do aguyam, e dêa a dita anta como atravessa ho caminho que vay pera a córte da pedra direito a huns penedos gordos...” (Pereira, 1887: 35).

Por outro lado, no séc. XVI, Frei Martinho de S. Paulo, frade do Convento da serra d’Ossa, manifestou, numa carta, a sua discordância em relação à destruição de duas antas localizadas na cerca do convento da Serra d’Ossa, por decisão do abade da Ordem (Fabião, 1999).

Na primeira metade do séc. XVIII, D. João V mandou proceder ao levantamento das antiguidades do reino, através da Academia Real da História. Nas respostas aos inquéritos solicitadas às paróquias, foram vários os padres que referiram a existência de

antas, nas respectivas áreas. O Padre Afonso da Madre de Deus Guerreiro, em 1734, contabilizava já um total de 66 monumentos megalíticos na área de Évora, embora a lista se tenha, pelo que consta (Leisner, 1949: 3), perdido com o terramoto de 1755.

Foi necessário mais um século para que os estudos sobre o megalitismo tivessem retomado vigor, agora já com abordagens progressivamente mais estruturadas, reflectindo, aliás, os avanços que noutras áreas da Europa megalítica, se iam fazendo sentir.

Pinho Leal, num trabalho de grande divulgação pública, deixou-nos uma saborosa descrição dos monumentos megalíticos e dos rituais que com eles supostamente estariam relacionados, revelando, até certo ponto, muitas das noções ingénuas que a arqueologia se encarregaria, nas décadas seguintes, de erradicar.

Convém esclarecer que, no essencial, essas noções pouco divergiam das que, por essa altura, eram partilhadas pelos “arqueólogos” mais esclarecidos (Costa, 1870) e que derivavam, em boa parte, dos conhecimentos então disponíveis e das conjecturas construídas a propósito de outras realidades megalíticas europeias.

Nesse texto, Pinho Leal que se classifica a si mesmo como “escriptor obscuro e completamente desconhecido” e invoca a sapiência de “archeologos distinctos e conhecidos geralmente”, os quais sustentariam que “*dolmin* é o nome genérico d`estas construcções, e muitos d`elles fazem *anta* synonymo de *dolmin*” (Leal, 1874: 475). Porém, na sua opinião, dolmen seria “uma ara construída para os sacrificios”, enquanto anta seria “um monumento levantado à memoria de algum guerreiro distincto”, mamoa seria “o tumulo de alguma pessoa notável” e cairn, um “templo destinado a oração” (Leal, 1874: 475).

A justificar estas supostas diferenças funcionais, defendeu que “a opinião de que os *dólmens* são monumentos funerários não passa de conjectura. É verdade que sob muitos *dólmens* se tem achado ossadas humanas, mas custa a crer que em 3:000 annos, pouco mais ou menos, possam os ossos deixar d`estar completamente reduzidos a terra. Quanto mais, se em muitos *dólmens* se teem achado ossos, em muitos mais não se encontra vestígios d`elles (...). Há um facto que, na minha opinião, prova incontestavelmente que os povos (quem quer que eles fossem) que construíram os seus *dólmens* queimavam os seus cadáveres. As mamoas, que todos concordam em dizer que são obra dos mesmos que construíram os *dólmens*, são incontestável e exclusivamente monumentos funerários, e ne`llas (...) jamais appareceram ossos – o que apparece são cinzas”.

Para além destas confusões – que aliás reflectem a grande diversidade de tipos de monumentos, genericamente aparentados, e as próprias dificuldades taxonómicas actuais – outras observações são, à luz de algumas das abordagens recentes (Scarre, 2004; Calado, 2004: 176), bastante pertinentes, nomeadamente quando afirma que “uma das condições dos dolmens é não terem o mais leve signal d`obra d`arte, e outra, não serem de pedras das immediações. É certo que em todos os monumentos pré-historicos que tenho examinado, não se vê o mínimo indicio do emprego de qualquer ferramenta, salvo aquelles em que os visitantes teem posto algum signal ou incripção” (Leal, 1874: 475-476).

Sobre as *mamoas* e os seus construtores, defendeu ainda que “as *mâmoas* ou *modôrras* (a que também alguns chamam *mamunhas* e *mamuinhas*) são os túmulos dos povos pre-historicos por ventura os indigenas da península ibérica (...).”, lançando, porventura, a primeira pedra do modelo indigenista que, como veremos, continua hoje, se bem que muito remodelado, na ordem do dia da investigação sobre o megalitismo regional.

Observou, por outro lado, que “todas ellas foram arrombadas pelo povo, em busca de thesouros, e em nenhuma se achou mais do que uma pia coberta, no centro da *mâmoa*, feita de lagens de granito ou de schisto (taes como *sahiram* da terra) contendo cinzas.” Como testemunho da sua própria experiência de campo, salientou que “só duas encontrei sem vestígio de arrombamento (provavelmente porque o povo julga que são pequenos cabeços naturaes, e que na verdade são as maiores que tenho visto” (Leal, 1874: 476).

O modo como se processava, segundo este autor, a construção das *mamoas*, também é bastante interessante, uma vez que, na sua opinião, os construtores “juntavam as lagens necessárias para formar uma espécie de pia ou tanque grosseiro”, aludindo, naturalmente, à estrutura pétreia dos monumentos.

Sobre o *tumulus* propriamente dito, supunha “que quanto mais importância tinha a pessoa sepultada, maior era a *pyramide*. Ao vulgo contentavam-se em o enterrar no chão razo; mas quando ali passavam os devotos, rezavam certa oração e atiravam uma pedra sobre a *campa*. Alguns defuntos tiveram tantas orações que chegaram a formar uma pequena *pyramide*, das quaes algumas chegaram aos nossos dias” (Leal, 1874: 476).

Quanto ás *antas*, não parece que tenha observado muitas (Leal, 1874: 474), uma vez que, a seu ver, constavam de “um pedregulho, de forma mais ou menos espherica,

ou oval (alguns de um tamanho que faz pasmar!) colocados sobre quatro penedos mais pequenos, que os sustentam em equilíbrio” (Leal, 1874: 476).

Por seu lado, os cairns seriam “uma espécie de templos, ou logares destinados para preces e orações, que cada tribo ou família formava para si (...). Construía-se da maneira seguinte: - faziam uma espécie de tanque, mais ou menos vasto, (suppõho que segundo o maior numero de pessoas que a família devia conter) da forma que lhe parecia, quadrado, oblongo, circular, etc, forravam o pavimento de calçada e guarneciam isto com uma parede de um metro de altura, pouco mais ou menos, e eis aqui cairn.” (Leal, 1874: 477).

Nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, foi escavado um número razoável de monumentos megalíticos, no Alentejo Central, por investigadores como Leite de Vasconcellos, Nery Delgado, Carlos Ribeiro, Gabriel Pereira, Emile Cartailhac, Mattos Silva, Filipe Simões, entre outros. Dos dois primeiros, foi publicada, nos anos 70, por Maria Cristina Neto (Neto, 1976-77: 99-104) uma lista de monumentos megalíticos alentejanos e Júlio Roque Carreira publicou, recentemente, um conjunto de dados inéditos, retirados dos Cadernos de Leite de Vasconcellos (Carreira, 1995-1996).

Esses trabalhos, apesar de terem consistido apenas em intervenções avulsas, permitiram afastar algumas das especulações correntes e começar a reunir material objectivo que serviu de base a perspectivas mais pertinentes sobre o fenómeno, apesar de terem subsistido, até muito tarde, opiniões pouco sustentadas (Espanca, 1894).

Nenhum deles teve carácter sistemático, até porque os seus autores estavam interessados num leque de temas demasiado “enciclopédico”, em que o megalitismo era apenas mais um; a par disso, nenhum deles delimitou áreas de estudo com base nas evidências ou nas problemáticas específicas do megalitismo.

Por outro lado, a realização, em 1880, do *Congrè International d'Anthropologie et d'Archeologie Préhistoriques* (Gonçalves, 1980), ainda que centrado noutros temas, contribuiu, decisivamente, para a divulgação, a nível nacional e internacional, de alguns monumentos mais destacados, e para que se começasse a esboçar a noção de uma certa relevância do megalitismo português, no quadro europeu.

Este impulso, assim como a consciência emergente da diversidade e da especificidade cultural e o próprio florescimento dos nacionalismos, deram, finalmente, origem a abordagens integradas, de âmbito regional e com carácter de continuidade.

3.2. Os primeiros projectos plurianuais: Vergílio Correia, Manuel Heleno e o casal Leisner

Afinando uma certa perspectiva regional, exemplarmente assumida por Estácio da Veiga, para o Algarve (Veiga, 1886, 1887, 1889, 1891), Vergílio Correia, enquanto conservador do Museu de Etnologia de Lisboa, abalançou-se, no período correspondente à Primeira Grande Guerra, num projecto de estudo do megalitismo, centrado, pela primeira vez, numa área concreta e incluindo, para além das antas, os povoados e os supostos santuários naturais (Correia, 1921).

Foi provavelmente estimulado pelos resultados obtidos por este autor que, sobretudo nos anos 30 do século passado, Manuel Heleno desenvolveu o seu projecto sistemático de inventariação e estudo de monumentos megalíticos no Alentejo Central, sobretudo em áreas adjacentes àquela onde Vergílio Correia tinha trabalhado; como já referi esse trabalho ultrapassa largamente, pelo menos em termos quantitativos, tudo o que tinha sido feito até então. São os dados resultantes desse esforço



Caricatura das escavações de Manuel Heleno, da autoria do desenhador do Museu Etnológico Português, Francisco Valença. (MNA)

Este processo atingiu, no entanto, o seu apogeu com os trabalhos realizados pelo casal Leisner. De facto, os arqueólogos alemães levaram a cabo um inventário monumental, com uma grande preocupação pela documentação gráfica de estruturas e materiais, e abrangendo, pela primeira vez nessa escala, um quadro geográfico muito amplo, mas mesmo assim, de inegável carácter regional; para além de um persistente trabalho de campo (prospecção e escavação) fizeram ainda a revisão da bibliografia

disponível e de parte dos materiais depositados no Museu Etnológico – alguns dos quais provenientes das escavações de Manuel Heleno mas, maioritariamente, de Vergílio Correia.

Para além dos *Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, a sua obra de referência, infelizmente, ainda hoje, apenas disponível em alemão (Leisner, 1956; 1959) publicaram, em português, um conjunto de trabalhos fundamentais, de que se destaca, pelo carácter praticamente exaustivo, o estudo das antas de Reguengos de Monsaraz (Leisner, 1948-49; 1951; 1955).

Na verdade, o trabalho de G. e V. Leisner noutras áreas do Alentejo Central, permitiu identificar, para além de um grande número de antas, incluindo algumas pequenas sepulturas, como o conjunto do Almo, não longe da Anta Grande do Zambujeiro (Leisner e Leisner, 1948-49)

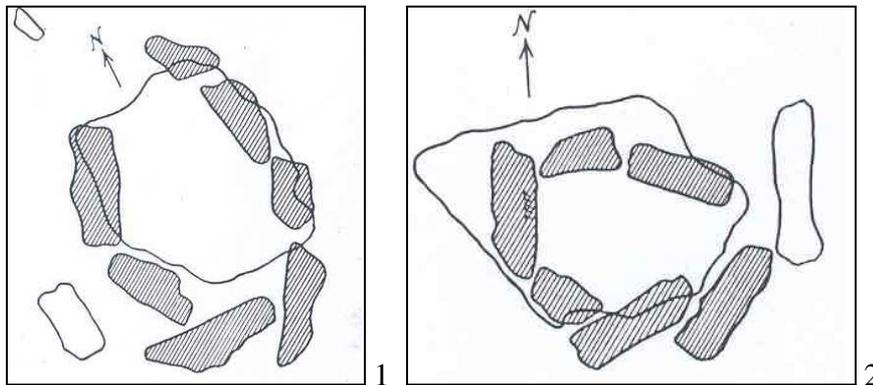


Fig. Plantas de sepulturas da área de Évora – 1: Almo 1; 2: Almo 2. (segundo Leisner e Leisner, 1959).

Ainda nos anos 50, Irisalva Moita (Moita, 1956) escavou alguns monumentos no Alentejo Central, mais propriamente na área de Pavia. Esta investigadora, antiga aluna e assistente de Manuel Heleno, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi também sua colaboradora no Museu Etnológico.

Nas duas décadas seguintes, o ritmo da investigação voltou a estagnar; os novos dados – alguns de grande alcance para a contextualização do megalitismo funerário da região - resultaram sobretudo de descobertas fortuitas e intervenções avulsas.

Destaca-se, de entre elas, a descoberta da Anta Grande do Zambujeiro (Évora) (Pina, 1971; 1976), aquela que é, certamente, a mais monumental das antas alentejanas, cuja escavação – tal como as que se lhe seguiram – ficou infelizmente inédita. Hoje em

dia, o monumento continua, num impasse pouco dignificante, a aguardar a conclusão de um processo sucessivamente adiado, de consolidação e restauro.

Uma outra intervenção casuística foi a da escavação, em 1964, do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo), identificado por trabalhadores na sequência da preparação de um forno tradicional de carvão (Santos *et al*, 1969). Este monumento forneceu um espólio muito rico e abundante que, infelizmente, se conserva, em boa parte, por estudar.

Algum tempo antes, tinha sido também identificada, na mesma área, a gruta do Escoural, com materiais cronologicamente atribuíveis ao Neolítico antigo, mas também com uma clara utilização funerária, no Neolítico final, que encontra óbvias afinidades no megalitismo funerário regional (Santos, 1964; 1971; Santos *et al*, 1991; Araújo *et al*, 1993; Araújo *et al*, 1995). Também neste caso, se tinha tratado de uma descoberta acidental, no contexto da laboração de uma pedreira de mármore.

Note-se que, pela primeira vez, se confirmava, na região, a presença de cerâmica impressa, incluindo cardial, genericamente análoga àquela que se conhecia, desde o século XIX, no litoral (Delgado, 1867; Rocha, 1897); porém, o facto de se tratar de um caso excepcional, explica que, um quarto de século depois, ainda se continuasse a considerar que a neolitização do Alentejo interior correspondia a uma fase tardia, protagonizada pelas primeiras sepulturas megalíticas e as cerâmicas lisas que as acompanham (Zilhão, 1992).

Na verdade, com a descoberta do Neolítico antigo do Escoural, interpunha-se, pela primeira vez, um “obstáculo” entre o Mesolítico e o Neolítico Puro de Heleno ou dos Leisner, embora estes últimos tenham chegado a aflorar ligeiramente a questão. Fizeram-no nomeadamente no comentário sobre as cerâmicas impressas da Anta 1 do Olival da Pega, em Reguengos de Monsaraz, em que anotaram “o vácuo existente no Alentejo central com respeito à cerâmica decorada” cuja presença, na referida anta, por estar, aparentemente, associada com cerâmica “simbólica”, atribuíram aos “construtores das *tholoi*” (Leisner e Leisner, 1951: 106).

A partir de meados dos anos 60 e, sobretudo, na primeira metade dos 70, os menires centro-alentejanos, até aí invisíveis, ou quase, foram finalmente descobertos (Pina, 1971; 1976; Gonçalves, 1970; 1972; 1975; Zbyszewski *et al.*, 1977a); na verdade, ainda no século XIX, Gabriel Pereira tinha identificado aquele que parece ter sido o primeiro menir conhecido a Sul do Tejo (Pereira, 1880: 253; Calado, 2004: 16) e os próprios Georg e Vera Leisner (Leisner e Leisner, 1959) tinham já publicado uma planta

pouco rigorosa do recinto de Vale d'El Rei, em Pavia, ao qual não atribuíram, aliás, grande destaque (Calado, 2004).

Também na década de 70, em reacção contra o pessimismo dos ilustres megalitistas alemães - que afirmaram que “mesmo nas regiões de maior abundância de antas, quase nunca se encontraram, até hoje, vestígios de habitações do povo megalítico” (Leisner e Leisner, 1951: 17), o que seria um indicador de uma economia “pastoril” e “parcialmente nómada” - regressou, timidamente, o tema dos povoados dos construtores de antas, embora, mais uma vez, sem grandes consequências práticas (Ventura, 1970; Arnaud, 1971).

Na verdade, tratava-se exclusivamente de povoados calcolíticos e a correlação directa com o megalitismo funerário foi, como tinha sido com Vergílio Correia ou com Manuel Heleno, demasiado precipitada e simplista. Além disso, por se tratar de casos pontuais, estes povoados não deixavam ainda prever a real dimensão – nem a diversidade - que o povoamento neolítico e calcolítico iriam assumir, na região, nas décadas seguintes, em resposta à famosa questão “Muitas antas, pouca gente?”.

3.3. Tempos modernos

A partir dos finais dos anos 80 do séc. XX, os estudos sobre o megalitismo regional conheceram um novo impulso.

Victor S. Gonçalves e a sua equipa, concentraram, sobretudo, esforços no aprofundamento do estudo do megalitismo de Reguengos de Monsaraz; num primeiro momento, foi reeditada a citada obra do casal Leisner, sobre as antas desse concelho (Leisner e Leisner, 1951), seguida de uma revisão crítica da mesma (Gonçalves, 1992).

Os dados publicados pelos Leisner foram analisados sob novas perspectivas e o conjunto megalítico de Reguengos foi subdividido em dois grupos espacialmente discretos: o Grupo ocidental e o grupo oriental, separados axialmente pelo curso da Ribeira do Álamo, subsidiária do Guadiana; num trabalho mais recente, foi mesmo individualizado um terceiro sub-grupo, na periferia do Grupo oriental (Gonçalves e Sousa, 2003).

Em paralelo, foram feitas escavações de diagnóstico em povoados do Neolítico final e Calcolítico (Marco dos Albardeiros, Monte Novo dos Albardeiros) e concretizado um programa de prospecções sistemáticas, centradas num desses povoados, a Torre do Esporão 3 (TESP 3) e abrangendo uma boa parte do território da margem direita da ribeira do Álamo (Gonçalves *et al.*, 1992).

Seguiram-se escavações no conjunto monumental da Anta 2 do Olival da Pega (OP2), com resultados absolutamente inesperados e iniciou-se a escavação da anta e *tholos* dos Cebolinhos.

A partir dos finais dos anos 90, no contexto das medidas de minimização de impactes da barragem do Alqueva, foram escavados novos povoados – genericamente atribuíveis ao Neolítico antigo/médio – e um conjunto de monumentos megalíticos, actualmente submersos pelo empreendimento.

Os resultados de todos estes trabalhos constam de uma extensa bibliografia (Gonçalves, 1993b; 1994a; 1995; 1999; 2001a; 2001b; 2002a; 2002b; 2003b; 2003c; Gonçalves e Sousa, 1997a; 1997b; 2000; 2003) que, para além da divulgação dos novos dados obtidos, inclui vários textos de síntese que transcendem, em muito, o panorama, já de si excepcional, legado por Georg e Vera Leisner.

Um outro programa de longo curso, envolvendo prospecções e, sobretudo escavações, foi desenvolvido, na área de Évora, em torno do conjunto megalítico de Vale de Rodrigo (Kalb e Höck, 1994; Kalb, 1996; Kalb e Höck, 1997; Vortisch, 1999; Höck e Kalb, 2000; Larsson, 2000, 2001), no âmbito de um projecto pluridisciplinar que tem vindo a fornecer dados muito interessantes sobre os monumentos e, em particular, sobre a relação entre estes e as matérias-primas utilizadas. Neste conjunto, destaca-se o monumento de Vale de Rodrigo 1, com falsa cúpula assente sobre esteios megalíticos (Leisner, 1944), estrutura até agora inédita, em Portugal, e que integra igualmente um menir decorado, na periferia da mamoa. Na área envolvente, foi descoberto e preliminarmente intervencionado, um povoado calcolítico, com fossos e muralhas, cuja relação cronológica, mesmo que parcial, com os sepulcros estudados, se presume.

No contexto do projecto Alqueva, foram ainda intervencionados monumentos megalíticos de xisto, em áreas periféricas da grande mancha megalítica de Reguengos, no denominado “núcleo megalítico de Amieira” (Antunes *et al.*, 2003).

De entre os resultados desses trabalhos, assinala-se a descoberta de possíveis vestígios de habitat sob as estruturas tumulares de dois monumentos de corredor, Antas 1 e 2 da Torrejona, (Antunes *et al.*, 2003: 237, 241-242) e de sepulturas secundárias, nomeadamente na Anta do Chão da Pereira, em que a cista, com materiais que os escavadores atribuem à Idade do Bronze, foi construída sobre o esteio de cabeceira da anta, após a derrocada deste para o interior da câmara (Antunes *et al.*, 2003: 234-235).

Acrescentam-se, nesta fase da investigação regional, algumas escavações avulsas, como foi a da Anta da Belhoa, escavada por Mário V. Gomes, em Reguengos

de Monsaraz (Gomes, 1997), ou da anta 1 do Lucas, escavada, de emergência, por Manuel Calado (Calado, 1994) e ainda da anta 6 do mesmo núcleo, cuja intervenção, também ela de emergência, foi dirigida por mim própria, e à qual, por permanecer inédita, farei adiante referência mais detalhada (Capítulo 9).

Houve também, infelizmente, casos peculiares em que, apesar de terem sido feitas intervenções em monumentos notáveis, não dispomos ainda de resultados publicados. Estão nesta situação a já referida Anta Grande do Zambujeiro, em Évora, escavada, recentemente, em intervenções distintas, por Carlos Tavares da Silva e por Rui Parreira, e ainda a Anta Grande da Comenda da Igreja, escavada por Mário V. Gomes.

No que diz respeito ao contexto arqueológico em que, genericamente, se enquadra o megalitismo funerário, houve ainda, recentemente, um número razoável de escavações pontuais em povoados neolíticos e calcolíticos, no Alentejo Central.

A montante, em termos cronológicos, merece um destaque particular a escavação do povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato; este sítio, identificado por Manuel Calado, tem vindo a ser escavado por Mariana Diniz, ao longo dos últimos anos. Um dos muitos resultados obtidos nesta escavação e da análise dos dados obtidos, na óptica do tema que me propus analisar, foi o vínculo que as indústrias líticas permitiram estabelecer, a diversos níveis, entre o Mesolítico final e o Neolítico com cerâmicas impressas (Diniz, 2003).

Houve também escavações de emergência no extraordinário povoado calcolítico (provavelmente, de fundação anterior) dos Perdigões, em Reguengos de Monsaraz, na sequência de uma surribe que pôs a “descoberto” um sistema de fossos, aparentemente associado a muralhas de pedra (Lago *et al.*, 1998); anexo a este povoado, foi localizado um conjunto de monumentos funerários de falsa cúpula, os únicos, até agora, na área de Reguengos, que não foram adossados a antas de corredor (Lago *et al.*, 1998).

Foram ainda efectuadas escavações de emergência no povoado do Neolítico antigo e calcolítico de Patalim (Diniz, 2003), e nos povoados calcolíticos de S. Gens (Terena), com campaniforme, (Calado, 2002), S. Gens (Redondo) (Mataloto, 2004) e estão actualmente em curso extensas escavações no povoado calcolítico de S. Pedro (Redondo) (Rui Mataloto, comunicação pessoal).

Ainda no Regolfo do Alqueva, foram descobertos e objecto de escavações de salvamento, dois povoados com fossos, cronologicamente atribuíveis ao Neolítico final

– Juromenha 1 e Malhada das Mimosas – e dois povoados calcolíticos sem muralhas, com campaniforme, o Moinho de Baixo 1 e Miguens 3 (Calado, 2002).

Já com as águas da barragem a subir, foi, por último, escavado um outro povoado com fossos, o sítio das Águas Frias, que proporcionou dados absolutamente inovadores sobre a planta das estruturas negativas. Por outro lado, esse povoado revelou-se um verdadeiro centro produtor de placas de xisto, artefactos que apareceram, em quantidades apreciáveis, nas suas diversas fases de fabrico (Calado, 2004).

Com base numa leitura espacial e no facto de nos outros povoados genericamente contemporâneos – Juromenha 1 e Malhada das Mimosas – não se ter identificado este tipo de artefactos, Manuel Calado (Calado, 2004: 256-259) lançou a hipótese de uma especialização das Águas Frias na produção de placas de xisto, relacionada com a proximidade do santuário de arte rupestre do Alqueva (Calado, 2001a; Baptista, 2002).

No que diz respeito ao megalitismo não funerário do Alentejo Central, foram efectuadas, desde os meados dos anos 80, várias escavações, dirigidas por Mário V. Gomes, nos menires da Pedra Longa, Cuncos, Perdigões, Almendres, Portela de Mogos, Vidigueiras e Barrocal (Gomes, 1986, 1989, 1997a, 1997b, 1997c, 1997d, 2000a, 2000b, 2002) e outras, a partir de meados dos anos 90, dirigidas por Manuel Calado, nos menires de Vale Maria do Meio, S. Sebastião, Tojal, Monte do Tojal e Vale d'El Rei (Calado, 1997a, 2000b, 2003, 2004); este autor desenvolveu ainda um projecto específico de prospecções, centradas no tema dos menires, no contexto do Alentejo Central.

Os resultados destes trabalhos sugerem, em diversos planos, uma antiguidade relativa dos menires, em relação ao megalitismo funerário mas, embora estejam de acordo quanto à cronologia do arranque do fenómeno – o Neolítico antigo/médio – os autores referidos apresentam leituras divergentes quanto à respectiva sequência evolutiva.

Para além das escavações, a região foi, nesta fase, objecto de diversos projectos de prospecção arqueológica que, no conjunto, alteraram significativamente os termos de referência do megalitismo funerário regional, com um acréscimo significativo na base de dados disponível e, sobretudo, com um crescimento exponencial do número de sítios de habitat e de outros tipos de monumentos e sítios relacionáveis com o tema.

Uma parte desses trabalhos teve como objectivo a elaboração de Cartas Arqueológicas, de âmbito concelhio, em que o megalitismo foi apenas um dos temas;

destacam-se, pela quantidade de antas inéditas registadas, as cartas arqueológicas de Alandroal (Calado, 1993) e Redondo (Calado e Mataloto, 2001), assim como o Inventário do Património Arqueológico, incluído no Plano Director Municipal de Évora (Calado, 2003). Trabalhos do mesmo tipo, realizados no concelho de Portel (Lima, 1992) e de Arraiolos (Silva e Perdigão, 1998), contribuíram igualmente com alguns dados pertinentes; na verdade, em Arraiolos, as antas inéditas registadas tinham sido, quase todas, escavadas por Manuel Heleno e constam, naturalmente dos seus *Cadernos de Campo*.

Na região da serra d'Ossa, Manuel Calado reuniu, no âmbito de um trabalho académico (Calado, 1995, 2001), um volume, até aí insuspeitado, de sítios de habitat neolíticos e calcolíticos, contribuindo para uma imagem cada vez mais complexa do povoamento megalítico, cuja complexidade, aliás, não parou, desde então, de crescer.

O Projecto do Alqueva, para além das escavações já referidas, deu também aso a uma prospecção sistemática da área actualmente submersa. Os dados reunidos, em várias fases, foram, na sua maioria, recentemente publicados (Silva, 1996, 1999), embora outros, correspondentes a uma fase inicial das pesquisas, tenham vindo a público uns anos antes (Silva e Soares, 1989; Soares e Silva, 1992) e outros ainda tenham sido obtidos já numa fase avançada do processo e permaneçam ainda inéditos (Calado e Mataloto, 2001).

Finalmente, nos últimos anos, foram também desenvolvidos, no Alentejo Central, outros projectos, escorados essencialmente em trabalhos de prospecção/revisão, mas direccionados exclusivamente para o estudo do megalitismo (Oliveira, 2001; Calado, 2003). Destacam-se, neste campo, as prospeções desenvolvidas na área do Tojal, onde, num troço com apenas cerca de 3 km², foi identificada uma alta densidade de monumentos megalíticos funerários, de diferentes tipologias, embora com um ligeiro predomínio das pequenas sepulturas – 10 sepulturas e nove antas com corredor. Os monumentos distribuem-se ainda, no terreno, em aparente articulação com dois recintos megalíticos (Casas de Baixo e Tojal) e com um menir isolado (Monte do Tojal) (Calado, 2003).

Atendendo a que estão ainda por publicar os relatórios definitivos das intervenções no Alqueva, podemos, sem dúvida, afirmar que, mercê de alguns esforços individuais e institucionais e de algumas circunstâncias muito peculiares, dispomos hoje, sobre o Alentejo Central, de um acervo de informação sobre o megalitismo

regional e, sobretudo, sobre o povoamento neolítico e calcolítico que permite integrar, de uma forma muito mais sólida, os dados inéditos de Manuel Heleno.